

# A Ciranda Infantil e as crianças Sem Terrinha: educação e vida em movimento

*The Children's Ciranda and the landless children: education and life in movement*

**Luís Henrique dos Santos Barcellos**

Mestrando em Educação pela Universidade Estadual Paulista,  
Campus de Marília – São Paulo – SP - Brasil  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6104-7054>  
[luishbarcellos@gmail.com](mailto:luishbarcellos@gmail.com)

**Julio Cesar Torres**

Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.  
Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista  
campus São José do Rio Preto e do Programa de Pós-Graduação em Educação  
da mesma universidade no campus Marília – São Paulo - SP – Brasil  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1002-0078>  
[julio.torres@unesp.br](mailto:julio.torres@unesp.br)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir alguns aspectos da Educação Infantil do MST. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é o principal movimento brasileiro de luta e resistência pela terra, e para defender suas bandeiras, elege como um dos fatores principais o desenvolvimento de uma educação emancipadora, que congregue trabalho e educação geridos por meio de relações e ações democráticas. Utilizando como metodologia a pesquisa de natureza bibliográfica e a análise documental, investigou-se a proposta educacional do MST para a infância no contexto das Cirandas Infantis, buscando a compreensão da concepção de criança e de infância Sem Terrinha. O MST busca evidenciar a desigualdade social e o descaso e negligência com as reais necessidades da população camponesa. A criança nesse processo é inserida como sujeito participativo, desde o seu nascimento, nas lutas travadas contra o capital. Para além de um sujeito de direitos, ela é um sujeito de luta.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. MST. Ciranda Infantil.

**Abstract:** This article has as research object the Child Education of the Movement of Landless Rural Workers (MST - abbreviation in Brazilian Portuguese). The MST is the main Brazilian movement for struggle and resistance for land and land reform. In order to defend its ideals, the Movement chooses, as one of the main factors, the development of an emancipatory education, that should join work and education, managed through democratic relations. Using a methodology research of bibliographical nature and documentary analysis, we investigated the educational proposal of MST for childhood in the context of the Children's Ciranda, trying to comprehend the concepts of children and childhood Without Land. The MST seeks to highlight social inequality, neglect, and negligence with the real needs of the peasant population. The child in this process is inserted as participatory subject, since birth, in the struggles against capital. In addition to being subject of rights, it is a subject of struggle.

**Keywords:** Countryside Education. MST. Children's Ciranda.

## Introdução

Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa que aborda a Ciranda Infantil no contexto da formulação das políticas de educação para a infância no contexto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

O objeto de nossa pesquisa é a Educação Infantil do MST. Nela, investigamos a política educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para a infância, no contexto das Cirandas Infantis. Sabe-se que o MST é um movimento social de luta pela reforma agrária, pela emancipação humana, contra o avanço do capitalismo, e que para defender suas bandeiras, elege como um dos fatores principais o desenvolvimento de uma educação emancipadora, que congregue trabalho e educação geridos por meio de relações e ações democráticas.

No presente trabalho, apresentaremos, de forma sucinta, alguns princípios educacionais do MST, e a Ciranda Infantil, que se configura como a proposta de Educação Infantil do Movimento, ou seja, discorreremos a respeito da educação das crianças pequenas do/ no Movimento, buscando evidenciar a construção da identidade Sem Terrinha, passando, desta forma, pela concepção de criança e de infância do MST.

A perspectiva metodológica adotada nesta pesquisa é de natureza bibliográfica e análise documental.

Utilizamos a pesquisa de natureza bibliográfica como aporte teórico, que fundamentou nosso objeto de estudo. Quanto à pesquisa documental, para esse recorte, detemo-nos às produções do próprio MST, disponíveis em seu site (<http://www.mst.org.br/>), em forma de artigos e notícias, bem como ao “Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”.

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. (CELLARD, 2008, p. 295).

## Princípios da proposta educacional do MST para a infância

A infância Sem Terrinha é muito boa de se viver  
No lugar onde moramos todos plantam pra colher  
Os Sem Terrinha fazem luta, luta pra valer  
Pois se a luta é difícil, é difícil de vencer  
Numa roda de ciranda a gente canta com prazer  
As cantigas de criança nos alegram pra valer  
A lição que aprendemos vai além do ABC  
A educação do campo é do MST

(Música: Infância Sem Terrinha — Composição: Crianças do Assentamento  
Valdício Barbosa dos Santos Braço do Rio, Conceição da Barra/ ES – Caderno de  
Canções, 2014)

Sabe-se que o MST é um movimento social de luta pela reforma agrária, mas que não se resume a isso. Gestado entre 1979 e 1984, e criado oficialmente em 1984, fruto da impossibilidade dos trabalhadores do campo em se manter fora da luta devido às situações históricas (do latifúndio brasileiro) e objetivas (expulsão dos trabalhadores do campo em nome de uma mecanização nas lavouras). Somadas essas situações e percebida a necessidade de uma maior articulação para a luta, pois a história revelou que manifestações isoladas acabavam sendo esmagadas e morrendo rapidamente, as condições e articulação das primeiras lideranças deram vida ao MST.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento brasileiro de luta e resistência pela terra e contra o avanço do capitalismo. “De acordo com o próprio MST, desde sua fundação, este se organiza em torno de três objetivos: lutar pela terra; pela reforma agrária; e por uma sociedade mais justa e fraterna.” (PALUDETO, 2018, p. 23). Seu surgimento é marcado pela organização de agricultores ou trabalhadores rurais desapropriados ou ameaçados:

O MST emergiu no cenário social e político brasileiro mostrando as contradições, reivindicando, no cerne de sua ação prática, o acesso à terra, a reforma agrária e um projeto amplo de igualdade social, constituindo uma das maiores novidades da história política contemporânea do campesinato brasileiro, sendo considerado, posteriormente, a voz mais expressiva da questão agrária da América Latina. (PALUDETO, 2018, p. 37).

Com o seu desenvolvimento e notoriedade nacional e internacional, o Movimento cresceu, tornando-se, se não o maior, um dos mais expressivos espaços sociais de discussão e luta pelo campo e pela terra. Com um projeto revolucionário, pensando meios para uma sociedade democraticamente organizada e socialmente mais igualitária, contra o avanço selvagem e alienante das relações capitalistas de produção, sobretudo no campo, expressas atualmente na forma do agronegócio.

Considerando sua experiência desde as primeiras ocupações e acampamentos, o Movimento passou a entender que lutar por terra não é só lutar por terra (CALDART, 2012); a luta pela reforma agrária em seu bojo demanda a luta por mudanças estruturais na sociedade, desde distribuição de renda, trabalho e terra, até os atendimentos básicos humanos, como educação e saúde. Nos deteremos aqui na luta por escola e na construção da pedagogia do Movimento, mais especificamente, a Ciranda Infantil.

O mesmo modelo de desenvolvimento que gera os sem-terra também os exclui de outros direitos sociais, entre eles o de ter acesso à escola. A grande maioria dos sem-terra tem um baixo nível de escolaridade e uma experiência pessoal de escola que não deseja para seus filhos: discriminação, professores despreparados, reprovação, exclusão. (CALDART, 2012, p. 231).

O início da escola no MST está ligado à mobilização das famílias e em especial mães e professoras do Movimento que, preocupadas com a situação de seus filhos, começaram as primeiras mobilizações por escola. Aos poucos o Movimento percebe a relevância e importância dessas reivindicações, e com a percepção da necessidade e importância de uma escola que estivesse ligada aos princípios do MST e à realidade das crianças sem-terra.

Para tanto, o MST elaborou e buscou executar uma proposta de educação que foge à lógica burguesa. Uma educação que transita entre a formação intelectual e política ao mesmo tempo. Para Floresta (2006), essa proposta de educação constitui uma dinâmica de apropriação do saber em que a produção e socialização do conhecimento escolar se coloca a serviço da emancipação coletiva e popular. (PELOSO, 2013, p. 9).

São princípios educacionais do MST, segundo Paludeto (2018): a educação como direito inalienável, associação de educação para o trabalho e a cooperação, educação omnilateral voltada para as várias dimensões da pessoa humana, e a educação como processo permanente de formação e transformação humana, bem como a auto-organização.

Para alcançar tais princípios, o MST busca um referencial teórico-crítico: “[...] Dentre os autores que trabalharam essa temática, e que influenciaram a construção da pedagogia do Movimento, encontram-se: Marx, Makarenko, Leontiev, Pistrak, Paulo Freire e Krupskaya”. (PALUDETO, 2018, p. 68).

A Educação Infantil no/do Movimento é inspirada na experiência cubana dos círculos infantis, configurando-se no MST como Cirandas Infantis.

As Cirandas Infantis foram concebidas no Movimento para atender a demanda das crianças com idade inferior a seis anos de idade. No entanto, é importante frisar que, num primeiro momento, as Cirandas foram pensadas porque as mulheres, principalmente aquelas que eram mães, queriam participar ativamente das discussões, organizações, embates, ações e lutas do Movimento, mas não tinham onde deixar as crianças. Por esse motivo foram criadas as primeiras experiências de atendimento organizado para as crianças pequenas. (PELOSO, 2013, p. 10).

Podemos observar que o espaço destinado à criança no MST, assim como na história da Educação Infantil brasileira, não tem, em um primeiro momento, uma preocupação especificamente educativa ou formativa para seu público. Segundo Didonet (2001, p. 12), “[...] as referências históricas da creche são unânimes em afirmar que ela foi criada para cuidar das crianças pequenas, cujas mães saíam para o trabalho.” A educação das crianças estava até então vinculada estritamente à família.

No MST, a criação das Cirandas Infantis aconteceu de maneira improvisada para que as mães pudessem se inserir mais ativamente na luta. Em pouco tempo, a proposta toma corpo e consciência da importância de olhar para a criança como sujeito inserido em um contexto social específico, de considerá-la sujeito histórico e produtor de cultura. Nesse sentido, a criança do/no Movimento, não é um sujeito passivo, mas sim um sujeito de luta.

Márcia Mara Ramos, do setor de educação do Movimento, entrevistada por Silva (2014, s/n) afirma que:

No MST as crianças fazem parte da luta pela terra desde a fundação do Movimento. Existe a preocupação concreta de fazer com que essas crianças tenham um espaço educativo.

Dentro dos acampamentos e assentamentos sempre existiu a ideia de deixar esses espaços agradáveis e educativos, mas a nossa grande luta foi conseguir trazer a escola, propriamente dita, para dentro dos assentamentos.

Em 1990, com o avanço das discussões a respeito do cuidado e educação das crianças pequenas do MST, ou seja, da educação infantil, um espaço foi pensado para a convivência, educação e desenvolvimento próprios da infância, situada espacial e temporalmente, e que tivesse forte dimensão de projeto (CALDART, 2012), neste momento, para além das iniciativas isoladas de mães e professoras e as primeiras escolas mais bem organizadas, a Ciranda Infantil passa a ser considerada como função do Setor de Educação do MST (organismo de gestão de temas relacionados à Educação, que se encontra situado na organicidade do MST em meio a outros Setores e Coletivos).

Nesse sentido, a Ciranda significa, para o MST, a garantia de um espaço em que a criança possa verdadeiramente ser criança, um espaço pensado para ela, aos seus cuidados, brincadeiras, desenvolvimento, educação e militância, além disso, representa, também, como já salientamos anteriormente, a garantia de espaço para a participação da mulher, para o Movimento, “a infância, a mãe, a mulher e as questões de gênero são intrínsecas” (SILVA, 2014, s/n)

No MST existem duas modalidades de Cirandas. As fixas, presentes nos assentamentos e cooperativas nas quais existem a organização da rotina de atividades e formação permanentes para o público infantil, e também as itinerantes, que são instaladas provisoriamente nos acampamentos e durante os eventos, congressos e encontros realizados pelo Movimento.

Nas Cirandas, são mantidos os princípios educacionais do Movimento já citados anteriormente neste trabalho, com vistas a desenvolver uma educação transgressora, no sentido de enfrentamento ao capital e a formas de educação alienantes que não considerem as especificidades dos sujeitos do campo e do MST. Nesse sentido, a luta é primeiro por escolas, e depois, por escolas nos assentamentos e acampamentos, considerando, ainda, a luta pelo controle da escola, para que, de fato, essa se torne uma escola do MST, regida por seus princípios.

Nós queremos que nossos pequenos se reconheçam enquanto filhos e filhas da classe trabalhadora do campo, mas que também tenham uma compreensão de mundo.

Qualquer criança deveria ter esse contato. Ser ensinado a ser sujeito e dono de sua própria história. Para o MST isso é fundamental no processo de formação de uma nova massa crítica. É nisso que acreditamos enquanto Movimento, e são nesses pilares que a educação dentro do MST é pautada. (SILVA, 2014, s/n).

A Educação Infantil, historicamente negligenciada e tratada em patamares de menor importância, torna-se muitas vezes um direito negado às crianças. No campo, a situação tende a se agravar, e o MST tem se constituído importante representante na luta pelos direitos da população do campo. Dentre tais direitos, a educação é fundamental. Dalmaz e Sarmocin (2012, p. 12) argumentam que:

[...] Pode-se afirmar que no Brasil não temos a concretização de propostas educacionais direcionadas às crianças do campo por parte do poder público.

Entretanto, podemos considerar que existem algumas alternativas promovidas pela sociedade civil organizada que estão sendo efetivadas, dentre elas, as Cirandas Infantis concebidas pelo MST. As Cirandas são as únicas propostas de Educação Infantil do Campo no Brasil consolidadas nos últimos quinze anos. Neste sentido, mesmo que a proposta do MST tenha seus limites e desafios, ela representa na atualidade um avanço na efetivação do direito à educação aos sujeitos do campo, inclusive às crianças. Cabe salientar mais uma vez que, o MST é um dos movimentos sociais brasileiros que mais se destaca pela luta na garantia dos direitos dos sujeitos do campo.

A significação de uma infância Sem Terrinha é expressa, portanto, pela participação, por relações democráticas, pela auto-organização das crianças e da luta, pela terra, pela reforma agrária, pelo direito ao trabalho, por alimentos saudáveis, por educação de qualidade e por equidade social.

Segundo Caldart (2012, p. 311, grifos da autora), “para as crianças, por sua vez, participar do MST tem representado a possibilidade de *viver a infância de um jeito diferente.*” Pois, uma infância vivida no coletivo, em movimento e percebida quando as próprias crianças sem-terra passam a querer se envolver mais com a luta, e a travar suas próprias lutas (a luta por escolas hoje é a luta principal das próprias crianças) com as características próprias do Movimento, e começam a se auto-intitular Sem Terrinha. A passagem para a consciência da Infância Sem Terra, ou de ser Sem Terrinha, coloca as crianças como atores do Movimento do qual fazem parte e que faz parte delas. O engajamento no movimento social faz dos Sem Terra seres políticos que se posicionam, discutem e debatem questões como a da reforma agrária, da escola, da importância da alimentação saudável, a soberania alimentar etc. Assim, também o é com os Sem Terrinha, sujeito de luta “no sentido de um sujeito coletivo que passa a participar dos embates sociais.” (CALDART, 2012, p.38)

Ainda para Caldart (2012, p. 389), “a grande potencialidade educativa da participação das crianças no Movimento está na densidade maior que permite a sua vivência da infância, exatamente porque mais parecida com a totalidade das dimensões que constituem a vida humana.” Para além das concepções pedagógicas de criança e de infância urbanas (dominantes), o MST se orgulha de possibilitar às crianças uma formação mais ampla, que a cuide e eduque respeitando seu momento de vida, mas que desde pequena passe a compreender seu lugar histórico e social, entender o motivo da luta, o motivo de morar num barraco ou em um assentamento, a razão de trabalhar em cooperação e se auto-organizar, compreenderem e cultivar a história e a memória do Movimento.

Nesse sentido, a infância Sem Terrinha auto-organizada realizou o 1º Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, em Brasília-DF, em julho de 2018, reunindo crianças de todo território nacional, possibilitando a consolidação da pauta da infância do MST. Ao final do encontro, as crianças lançaram o Manifesto das Crianças Sem Terrinha. Neste documento se pode perceber o sentimento e luta diária de ser criança no MST. As próprias descrevem a si mesmas e ao cotidiano na luta pela terra da seguinte forma:

Somos filhos e filhas das famílias Sem Terra, moramos nos acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária. Junto com nossos pais ocupamos terra para ter alimentos, casa para morar, lugar de brincar e ser feliz.

Ajudamos nossa família com os trabalhos da roça e a cuidar dos animais. Gostamos de comer os alimentos que plantamos. Queremos alimentação saudável nas escolas do campo, com lanches de qualidade. Gostamos de morar e dormir na roça!  
Participamos das atividades, de lutas e reuniões e estudamos no campo.  
(MARINHO, 2018, s/n).

O sentimento de pertencimento ao Movimento e de classe é muito importante para o MST, que se preocupa desde os primórdios de sua fundação, com a formação política de seus quadros, com vistas à superação da alienação que começa pela consciência de classe, de lugar de vida. Além disso, podemos perceber no excerto supracitado que a luta do MST e das Crianças Sem Terrinha é, antes de qualquer coisa, por uma vida mais digna com alimentos saudáveis, moradia e trabalho.

O desejo das Crianças Sem Terrinha por uma vida digna, expressa por educação de qualidade, trabalho e alimentos saudáveis, não se restringe às populações do campo.

Estamos aprendendo a preservar o meio ambiente, a cuidar melhor do lixo e vamos cuidar das matas, das florestas e dos nossos assentamentos e acampamentos. Ainda não fizeram a Reforma Agrária do jeito que precisa, mas nós vamos ajudar a fazer!  
É preciso melhorar nossas condições de vida no campo e também na cidade. Nós queremos que as crianças da cidade também comam comida sem veneno!  
(MARINHO, 2018, s/n)

O MST compreende a importância de uma relação respeitosa com a natureza, nesse sentido, se posiciona contra o avanço do capitalismo no campo, antes chamado latifúndio, agora, agronegócio, defendendo, portanto, a Reforma Agrária Popular. Segundo os Sem Terrinha, nos acampamentos e assentamentos “já temos a produção de alimentos orgânicos, agroecológicos e tem até agroflorestas, com muita coisa bonita pra ver e pra comer. Produzimos diversos alimentos gostosos e sem veneno” (MARINHO, 2018, s/n).

Mais especificamente sobre a educação, a luta inicia para que existam escolas no campo, dentro dos assentamentos ou próximas a ele, e que sejam garantidos às crianças todos os direitos pertinentes a sua educação. Segundo Marinho (2018, s/n), “lutamos para garantir uma educação que faça parte da vida do campo, nos respeite como crianças e que respeite as populações do campo e da cidade.” Um segundo momento da luta é pela melhora dos espaços das escolas, passando por qualidade na infraestrutura, na alimentação, de recursos e pedagógico, com vistas a implementar o projeto pedagógico do MST.

As escolas do campo precisam ter melhores condições. Queremos que sejam construídas quadras de esportes, refeitório e parquinho infantil, que o pátio das escolas seja grande pra podermos brincar. A alimentação das escolas precisa melhorar, ter mais produção da reforma agrária e da agricultura camponesa familiar.  
(MARINHO, 2018, s/n)

A Ciranda Infantil do MST afirma todos os preceitos e necessidades da luta por uma educação do campo e no campo, destinada às crianças pequenas, observando as especificidades da criança que brinca e, por meio da brincadeira (re)significa o mundo,

compreendendo-se como sujeito histórico, de direitos e de luta, assumindo, desde pequenas, os espaços de luta, participando democraticamente, se auto-organizando e cooperando.

## À guisa de conclusão

Conforme se pode observar em nossa breve discussão, a Ciranda Infantil é o espaço propriamente destinado à educação das crianças pequenas no MST, porém, a educação não se resume às Cirandas. Quem toma o lugar central no processo educativo, ou seja, o principal educador do povo segundo o próprio MST, é o Movimento, é a luta.

As crianças aprendem na convivência, na luta, na experiência de cada dia. A proposta educacional do Movimento eleva a criança a ator e autor do desenvolvimento, por meio da auto-organização, da participação e da gestão democrática dos processos. Viver a Ciranda é compartilhar essa ideia de movimento de mãos dadas, com consciência de classe, de pertencimento.

As crianças do MST ampliam o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) no que se refere à definição de sujeito de direitos que, no contexto do Movimento, além de sujeito de direitos, coloca-se como sujeito de luta. Que almeja e luta diariamente por uma sociedade mais justa e democrática. Sociedade essa, expressa nos desejos do direito à vida no campo, ao trabalho, à educação de qualidade no/do campo, o direito a ser criança, a viver, plantar, ver crescer, colher, sonhar. Enfim, por uma condição de vida digna, humana, e pelo direito de ser respeitado.

Compreender a infância no/do MST que está nos acampamentos e assentamentos, nas marchas, nas ocupações, nos cursos, reuniões e encontros diversos é dialogar com um processo educativo fora da escola, não institucionalizado pelo poder público, marcado principalmente pelo conceito de coletividade, numa compreensão de que o lugar educativo da criança não se restringe somente à escola, porém não a desconsidera, ou seja, considera educativo todos os espaços ocupados pelas crianças sendo que a depender da intencionalidade e ação dos sujeitos envolvidos pode contribuir para produzir ou questionar a sociedade em questão. (RAMOS, 2014, p. 15).

Desse modo, assim como afirmou o educador Paulo Freire, “a educação é um ato político” (FREIRE, 1991, p. 20), e o MST tem efetivado uma prática educacional transgressora em relação à oficial, buscando evidenciar a desigualdade social e o descaso e negligência com as reais necessidades da população do campo, com valores educacionais e formativos voltados a uma formação omnilateral, com discussão política, com participação, com escuta. A criança nesse processo é inserida como sujeito participativo, desde o seu nascimento, nas lutas travadas contra o capital, pela reforma agrária, e por uma vida mais humana.

## Nota

Este trabalho é fruto dos resultados parciais de pesquisa de mestrado e recebeu financiamento do CNPQ. Agência Financiadora: CNPQ (mestrado), Processo 131977/2018-0.

## Referências

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

CALDART, Roseli Salette. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

DALMAZ, D. S. S.; SCARMOCIN, D. A ciranda infantil do movimento sem terra no Brasil: Formação política na Infância. In: I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: Campo e Cidade em busca de Caminhos Comuns. Pelotas, 2012.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio... para onde vai. In: Educação Infantil: a creche, um bom começo. *Em Aberto Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais*. v. 18, n. 73, p.11-27. Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. "A educação é um ato político". *Cadernos de Ciência*, Brasília, n. 24, p.21-22, jul./ago./set. 1991. Disponível em: <[http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/1357/FPF\\_OPF\\_07\\_015.pdf](http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/1357/FPF_OPF_07_015.pdf)> Acesso em: 06 jun. 2018.

MARINHO, Gustavo. "Queremos que todas as crianças possam ser felizes e livres", afirma Manifesto das Crianças Sem Terrinha. 2018. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2018/07/24/queremos-que-todas-as-criancas-possam-ser-felizes-e-livres-afirma-manifesto-das-criancas-sem-terrinha.html>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

PALUDETO, M. C. *As diretrizes programáticas e a política educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. 128 f. 2018.

PELOSO, F. C. Educação Infantil do/no Campo: a ciranda infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra como alternativa de atendimento à criança pequena. In: *Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo*. São Carlos. v.2, p. 1-15, 2013. Disponível em: <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminarios-de-2013/1-educacao-do-campo-movimentos-sociais-e-politicas-publicas/a24-educacao-infantil-do-campo.pdf/view>. Acesso em: 05 abr. 2018.

RAMOS, Márcia Mara. Ciranda Infantil Paulo Freire educa para a luta. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, p. 15-15. volume 323. fev. 2014. Disponível em: <<https://issuu.com/paginadomst/docs/jst323>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

SILVA, Maura. "Nossa educação ensina a criança a ser sujeita e construtora de sua história". 2017. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2014/10/01/nossa-educacao-ensina-a-crianca-a-ser-sujeita-e-construtora-de-sua-historia.html>>. Acesso em: 01 out. 2014.

recebido em 31 jan. 2019 / aprovado em 25 fev. 2019

### Para referenciar este texto:

BARCELLOS, L. H. S.; TORRES, J. C. A Ciranda Infantil e as crianças Sem Terrinha: educação e vida em movimento. *Dialogia*, São Paulo, n. 31, p. 57-65, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/Dialogia.n31.11458>>.

